

O PLANEJAMENTO E O REPLANEJAMENTO DOS TURNOS NAS INTERAÇÕES FACE A FACE

Evandro Santos Reis (USP)
evandroreih@usp.br

1. Introdução

Em uma interação os participantes se empenham para manter o contato de acordo com seus propósitos, quer sejam a aproximação quer sejam o afastamento ou conflito. Cada participante de uma interação busca atingir seus objetivos empregando recursos que são considerados necessários. Cada participante de uma interação usa o turno conversacional de forma a preservar a sua face e a do seu interactante.

A organização dos turnos desta maneira será feita de forma a cumprir o que cada participante do intercurso deseja. Os turnos, numa interação face a face, ao contrário dos que se imaginava, são planejados e replanejados, localmente, pelos falantes.

O entendimento equivocado de que não há planejamento dos turnos durante uma troca conversacional e a importância do contexto para estruturação dos turnos conversacionais é o que justifica a investigação que nos propomos a empreender nesta pesquisa.

É relevante considerar que o turno é considerado neste estudo como Galembeck (2010, p. 71) o entende, “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão. Consideramos que seja também importante ressaltar que seguiremos na esteira de Koch (2008, p. 79) acerca do planejamento e replanejamento da interação face a face, “é relativamente não planejável de antemão, o que decorre, justamente, de sua natureza altamente interacional; assim, ela é localmente planejada, isto é, planejada ou replanejada a cada novo “lance” do jogo”.

Desta forma, buscamos nesse trabalho evidenciar como ocorre o planejamento e o replanejamento dos turnos conversacionais e verificar os recursos utilizados, pelos participantes do ato conversacional, para planejá-los e replanejá-los durante a conversação.

O *corpus* é constituído de uma entrevista realizada com a atriz Simone Ordones, no dia 11 de outubro de 2012, no saguão do hotel Bras-

ton, na cidade de São Paulo. A transcrição da entrevista gravada foi executada de acordo com as normas do Projeto NURC/SP.

Para a análise do material e efetivação deste estudo, utilizamos as pesquisas sobre análise conversacional de Kerbrat-Orecchioni (2006), as questões sobre interação face a face em Koch (2008) e Marcuschi (1999) e ainda os aportes teóricos de Galembeck (2010) no que tange aos turnos e sua organização.

2. *A interação conversacional*

Nos contatos travados, no transcurso da vida em sociedade são forjados os hábitos e os traços linguísticos que cada indivíduo traz. O modo de dizer e tudo o que é dito se aprende na relação com os outros integrantes de uma comunidade linguística. Aprendemos a falar quando criança por meio do convívio com outros falantes, repetindo o que se ouve e seguindo os padrões de fala daqueles com quem crescemos e vivemos:

A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora. Em suma, além de “matriz para a aquisição da linguagem” a conversação é o gênero básico da interação humana (LEVINSON, 1983, p. 284). Tais observações, além de sugerirem que a linguagem é de natureza essencialmente dialógica, realçam o princípio fundamental do caráter par da linguagem (GOFFMAN, 1976, p. 257), ou seja, quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas. (MARCUSCHI, 1999, p. 14)

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 8),

para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos, “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória.

Toda conversação face a face ocorre de forma situada e o contexto situacional que envolve o diálogo dos indivíduos em interação propicia, aos mesmos, possibilidades de variação, mudança de postura, aproximação, afastamento, atitude afetiva ou agressiva dentre outros procedimentos que podem surgir num ato conversacional. Assim o entorno social, o status dos participantes do diálogo, o sexo, a situação emocional e a idade acabam por determinar o comportamento linguístico de cada participante de um ato de conversação face a face.

Em nenhum ato conversacional, os indivíduos estão isentos das influências interna ou externas que um diálogo face a face possa sofrer, por conta de ser essa prática social um fenômeno que não se efetiva desvinculado de contextos situacionais, espaciais e temporais. Por isso, na interação face a face, que se dá de forma coparticipada, a fala é sempre localmente planejada e replanejada constantemente. Sobre a conversação, Bengue (1983, p. 3) *apud* Koch (2008, p. 75) afirma:

Se é exato que “falamos através de textos”, isto é, se os discursos constituem de fato o objeto adequado da linguística; se, de outro lado, admitimos que a língua é um meio de resolver os problemas que se apresentam constantemente na vida social, então a *conversação* pode ser considerada a forma de base de organização da atividade de linguagem, já que ela é a forma da vida cotidiana, uma forma interativa, inseparável da situação.

Assim como os interactantes vão planejando e replanejando local e continuamente suas falas, a própria linguagem também acaba por sofrer transformações em função das situações sociais vivenciadas por uma comunidade linguística. O meio no qual os indivíduos se inserem gera sobre eles uma força controladora no que tange à língua e aos comportamentos sociais de uma forma geral, um interferindo no outro de maneira contundente. Enquanto fato social, a linguagem figura como um mecanismo do qual os actantes se utilizam para construírem e adquirirem uma percepção sobre a realidade em que vivem.

É no contato entre os interactantes que a conversação se realiza. Ela “é um tipo de comunicação falada que se caracteriza, basicamente, pelo seu aspecto dialógico em oposição ao monológico”, aponta Silva (2008, p. 33) baseado em Moreno Fernández.

Hilgert (1989, p. 82) *apud* Silva (*idem*) advoga que “a conversação representa uma atividade prática e cotidiana, cujo desenvolvimento depende da auto-organização patrocinada, internacionalmente, pelos interactantes”. E cabe a eles, como os sujeitos da conversação, desenvolver o processo conversacional via interação. (Cf. SILVA, 2005, p. 33)

Essa interação que ocorre quando dois ou mais actantes interagem verbalmente ou não, via de regra, exige dos participantes um posicionamento. E tal posicionamento realiza-se de distintas formas, que pode ir, desde uma aceitação amistosa até uma reação agressiva. Os participantes em uma interação conversacional vão, à medida

que o diálogo se estende, fazendo os arranjos necessários aos seus posicionamentos: desenvolver uma argumentação, um aconselhamento ou o que quer que a situação de fala o exija. E nessa negociação é que os diálogos face a face vão sendo engendrados sobre a égide dos fatores pragmáticos e dos emocionais de cada actante.

Numa situação de conversa, os participantes estarão continuamente replanejando sua linha de posicionamento discursivo para se fazer entender, convencer seu interlocutor, estabelecer um envolvimento e outras tantas necessidades que surgirem no ato de interação. Para cada necessidade, os participantes se valem de estratégias conversacionais que permitam alcançar os fins de uma situação conversacional.

Como cada situação conversacional mantém suas próprias exigências, os participantes procuram cumprir seu papel na interação utilizando, para tanto, as estratégias conversacionais necessárias. Para Koch (2008, p. 79), as estratégias das quais os interactantes se valem são “semelhantes, de certo modo, às máximas de Grice”. Dentre elas, a autora menciona:

1. se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia lhe comunicar, a continuação de sua fala, na maioria das situações, se torna desnecessária;
2. logo que percebe que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo da informação, repita, mude o planejamento ou introduza uma explicação;
3. ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na sequência.(idem)

A conversação, como já pontuamos, é sempre situada. Ela tem em sua realização uma organização e essa é observada pelos participantes da interação, segundo as próprias regras do meio em que os participantes estão inseridos bem como na observância do que Goffman (1989, p. 18) *apud* Preti (2002, p. 52) chama de “modus vivendi interacional”. Por tanto, em cada interação, há uma ordem geral seguida por seus participantes, considerando sempre o entorno contextual e os próprios actantes. Um grande número de fatores concorre para a organização da conversação: o fato dos participantes se conhecerem ou não; o grau de intimidade entre eles; o momento da interação; o direito ou não ao uso da palavra, entre outros.

A interação ocorre dentro de certos moldes. Assim sendo, a conversação arquiteia-se em turnos, que vêm a ser cada uma das intervenções efetivada por um dos participantes no transcurso do diálogo. As negociações estabelecidas entre os participantes vão configurando os turnos que podem ser tomados de assalto, quando um dos interlocutores apanha o turno fora do momento adequado. Daí decorre a sobreposição de vozes, isto é, o momento em que dois ou mais interactantes falam ao mesmo tempo. (Cf. KOCH, 2008, p. 80)

São observados muitos aspectos numa análise de um processo interacional em um diálogo face a face. Sobre essa questão Preti (2002, p. 46) assegura:

Na análise de um processo interacional focalizado, numa conversação, ou mesmo em parte dela, pode-se observar a possibilidade de planejamento (ou replanejamento) dos falantes, bem como suas estratégias discursivas, ao longo da conversação, que podem resultar em sucesso ou não de sua argumentação; as possíveis manifestações de poder ou solidariedade entre os interlocutores, que podem refletir-se na simetria ou assimetria dos turnos; a colaboração mútua na realização do “discurso a dois”, observável até em nível de construção dos enunciados; a conservação ou perda da face, expressão social do eu individual; a fluência conversacional e sua relação com os conhecimentos prévios ou partilhados; as formas de tratamento e as variações socioculturais da linguagem; o uso de narrativas ou a reprodução do “discurso do outro” etc.

3. O turno conversacional

A conversação transcorre de forma ordenada, segue esquemas preestabelecidos e obedece a determinadas normas de procedimento, não ocorre de forma caótica apesar da efemeridade de sua realização. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Os turnos são desenvolvidos de acordo com o tipo de contato, a relação dos participantes, a expectativa de cada um e os contextos que envolvem o ato conversacional.

Seguimos à esteira de Galembeck (2010) quanto à definição de turno, nós o entendemos como “qualquer intervenção dos interlocutores”, independente da extensão. Compreendemos que, para tratarmos do turno, faz-se necessário, ainda, perceber que o tópico “aquilo acerca de que se está falando” Brown e Yule, (1983, p. 73) *apud* Galembeck, (2010, p. 67) precisa ser considerado.

Os turnos têm configurações distintas, seguem regras e podem ser negociados no transcurso da conversação, cabendo a cada interlocutor dimensionar e estruturar os tópicos que deseja expor segundo o contexto

situacional ou relacional e ainda segundo os objetivos da interação. Assim haverá turnos curtos, outros longos e os ajustes serão processados obedecendo aos contextos e as expectativas de cada um dos participantes.

A simetria e a assimetria na conversação tendem a determinar como o turno pode se realizar, uma vez que, nas conversas simétricas, cada um dos interactantes dispõe dos mesmos direitos quanto à manutenção, o uso e a troca dos turnos, ao contrário das conversas assimétricas em que um dos participantes acaba por dominar o uso dos turnos, podendo até utilizá-lo sem ter que passar ao outro participante que pode contribuir apenas com intervenções esporádicas.

De acordo com o tipo de conversação estabelecida, simétrica ou assimétrica, os turnos podem ter tipos diversos, como: turno nuclear aquele que leva a informação e tem valor referencial enquanto turno inserido não tem a função de transmitir uma informação, mas indicar que um dos participantes do ato conversacional atua colaborando com o turno do outro por meio de marcadores conversacionais, gestos – expressões faciais, mover de cabeça, etc. – A situação de simetria e assimetria influencia, ainda, a distribuição e a função dos turnos. (Cf. GALEMBECK, 2010)

A manutenção do turno por um dos falantes e a troca de turno entre eles pode se dar de forma negociada ou não. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 48) observa que “a alternância dos turnos não se efetua sempre de maneira fácil e harmoniosa.” Para Galembeck (2010) “a passagem de turno está centrada nos lugares relevantes para a transição”. O pesquisador lembra que o conceito foi estabelecido por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974).

Galembeck (*idem*) salienta que, para Sacks, Schegloff e Jefferson, o lugar de relevância para transição do turno “é um ponto em que o ouvinte percebe que o turno está completo ou concluído”, e que “a existência de lugares relevantes para a transição se decorre do fato de terem os ouvintes a capacidade de prever a unidade que o falante tem a intenção de usar e, assim, perceber o primeiro ponto em que a fala do seu interlocutor estará concluída”.

Galembeck (2010) ainda ressalva que “O conceito de lugar relevante para transição lugares relevantes para a transição é intuitivo”, afirma ainda que existem, na troca de turnos, duas formas de passagem desse: a requerida e a consentida. A requerida é marcada por uma pergunta direta ou por marcadores conversacionais. Na consentida há uma passa-

gem implícita, sem que o solicite diretamente, o turno passa para o ouvinte.

Quando a passagem do turno não é requerida nem consentida, mas o ouvinte toma o turno, ocorre o assalto ao turno. O ouvinte invade o turno do falante fora do lugar relevante para transição, assim o assalto passa a ser uma transgressão ao princípio básico da conversação, segundo o qual cada interlocutor deve falar por vez. Com o assalto ao turno, é comum acontecer a sobreposição de vozes – fala conjunta dos participantes da conversação.

4. *Planejamento ou replanejamento nas trocas de turnos*

No ato conversacional face a face, os participantes produzem seus textos no próprio momento da interação. Como assinala Koch (2008, p. 78) “o texto falado apresenta-se ‘em se fazendo’, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a ‘por a nu’ o próprio processo de sua construção”. Por tanto, distinto da produção de um texto escrito, o diálogo terá seu planejamento atrelado aos fatores pragmáticos que o envolvem bem como à relação existente entre seus participantes. Isso porque os interlocutores em uma conversação atuam como coprodutores, uma vez que há uma necessidade de colaboração mútua para que a interação se efetive.

Nessa produção intercambiada em que o diálogo é construído, os temas (tópicos) são planejados ou continuamente replanejados durante a realização do ato conversacional. Isso porque mesmo a fala distensa requer de seu produtor um mínimo de planejamento para que seu discurso possa ser entendido por seu interlocutor. O diálogo se consolida, quando os interlocutores vão numa atuação conjunta de forma direta ou indireta reagindo à fala do outro: respondendo a uma pergunta, concordando com um posicionamento, divergindo verbalmente ou utilizando-se de recursos paralinguísticos – gestos, expressões faciais etc.

A realização do evento conversacional, que já ressaltamos ser coparticipado, efetiva-se com, no mínimo, dois falantes e pelo menos uma troca de turno, com sequências de ações coordenadas transcorridas durante o mesmo período temporal por meio de uma interação centrada (cf. MARCUSCHI, 1999, p. 15). Guiados pelos postulados de Marcuschi, entendemos que a troca de turno se confi-

gura como um processo primordial da conversação, contribuindo para que os participantes do diálogo desenvolvam as sequências dos temas no momento do próprio ato conversacional, mantendo a atenção direcionada para uma atividade comum.

Marcuschi (1999, p. 18) assevera que “o turno pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio.” Devemos compreender que a troca de turno ou tomada de turno nem sempre se dá de forma linear podendo ocorrer, também, simultaneidade de falas, sobreposições, pausas, silêncios e hesitações. Isso mostra que o ato conversacional nem sempre ocorre com falas em pares ordenados com um tipo de troca de turno ideal em que cada um dos participantes fala por vez, no seu momento e numa sequência lógica e organizada.

A maneira como uma sequência é formulada se condiciona tanto à relação entre os falantes como à situação em que o diálogo é estabelecido. Os turnos também se realizarão de acordo com os propósitos dos participantes que os planejarão e replanejarão, seguindo os objetivos pretendidos. Preti (2002, p. 52), refletindo sobre a interação e o planejamento e replanejamento dos turnos assevera:

Se tomarmos um diálogo, no início ou em vários pontos de seu desenvolvimento, podemos observar que os falantes replanejam sua organização discursiva, em função das necessidades de compreensão, de envolvimento, de participação, de convencimento de seu interlocutor. As estratégias conversacionais, portanto, consistem em táticas que se empregam para atingir esses e outros fins na interação. Tais procedimentos levam sempre em conta as condições situacionais do diálogo, isto é, os fatores pragmáticos que cercam a interação (onde ocorre o diálogo, quem são os interlocutores, o grau de intimidade que os une, os conhecimentos partilhados que pressupõem, o tema de que tratam, a presença de uma audiência ativa ou coparticipante etc.)

Para Galembeck (2010, p. 89) “o texto falado é planejado localmente, no momento de sua execução: nele, o planejamento e a execução se confundem”. O autor reforça ainda que é comum o texto falado apresentar “pausas indicativas de planejamento, as quais funcionam como ‘brechas’ para que o ouvinte possa tomar a palavra.”

Regular o turno a fim de chegar aos objetivos da interação parece ser uma atitude que os interlocutores procuram fazer em seus contatos conversacionais. Além das pausas mencionadas por Galembeck (2010), há uma gama de recursos possíveis de serem utilizados para o planejamento e replanejamento dos turnos durante uma conversação. No processo de construção do texto, o falante por estar inserido num contexto situ-

acional, por considerar a audiência e por buscar cumprir os objetivos da interação, acaba utilizando os meios possíveis para tornar inteligível tudo que pretende dizer.

Podemos observar que processos como reformulação, inserção, repetição, digressão, o uso de marcadores conversacionais e recursos linguísticos diversos são empregados pelos falantes nas interações para planejar e replanejar suas falas.

Observaremos, no *corpus*, abaixo transcrito, como ocorrem o planejamento e o replanejamento dos turnos e procuraremos verificar os recursos linguísticos buscados pelos participantes do ato interacional para planejar e replanejar os turnos.

O *corpus* consiste de uma entrevista gravada com a atriz Simone Ordones, do renomado grupo de teatro Galpão. Entrevista concedida no saguão do Hotel Braston, localizado na região central da cidade de São Paulo, em 11 de outubro de 2012, ao documentador Evandro Santos Reis – Doc.1, doutorando do programa de Filologia e Língua Portuguesa, da Universidade de São Paulo – USP – e a documentadora Luciana Petrin – Doc. 2, atriz, que colaborou com a gravação do material.

Doc.1.Como começou o trabalho do Grupo Galpão?

Inf. o primeiro trabalho ele começou de um::a ideia de ser um:: um grupo galpão.. de um local onde teria muitas artes a:: aglutinadas... e artes plásticas.. dança e::: o teatro e ai as outras pessoas de outras áreas que iam defender essa ideia... o lado cultura deles... eles foram abandonando e foi ficando o grupo galpão... que começou numa oficina de teatro ... uma ofici:::na em Diamantina de dois alemães que foram... que vieram dar a oficina e eles e::: juntaram algumas pessoas que fizeram a oficina... os ofici.... e::: a::: a oficina foi superintensa

[

Doc.1. hum... hum

[

Inf.1 perna de pau eh:: muito trabalho circense e depois esses alemães ... acabou as oficinas cada um foi pro lado e o Eduardo ficou muito::: solitário e com desejo de fazer um grupo... de montar um grupo de fazer um trabalho né e ele tinha na casa dele uma malinha com umas::: roupas... um vestido de noiva... um casaco... uma cartola... umas coisas... foi pra casa da Telda que tinha feito oficina com ele também... vamos fazer vamos montar um trabalho

Doc.1. Sim

Inf. aí a Telda... falou.. não... você faz a noiva... eu faço eh::: sei lá... o pai da noiva e a gente monta e tudo eh... só que o vestido de noiva não coube na Tel-

da ((risos)) e aí ah:: tem a Vanda... ah:: vou chamar a Vanda é e::: se adaptar a atriz

[

Doc. 2: o figurino teve que se adaptar

[

Inf. E ah:: vou chamar a Vanda... ah:: quem mais fez a oficina? ai juntou uma turminha de seis pessoas e::: montaram... e num tinha uma dramaturgia e fo::: foi muito assim mais por causa da malinha

Doc.1 hum.. Hum

Inf. Mais o figurino que puxou o rotei:::ro que... o que que seria

[

Doc.2. éh::

[

Doc.1.: do que...

Inf. Do que a ideia do texto vamos montar um texto vamos fazer um diretor uma;;; uma ideia a ideia foi mais o figurino... a mala

[

Doc.1 a mala

[

Inf. a mala que qualquer outra coisa então o começo foi muito inusitado e quase éh::: contra mão de tudo porque hoje em dia quando você vai estrear uma peça o figurino e a ultimas ... uma das últimas coisas que chegam ((risos))

Doc1: é

[

Doc.2 é:: ah

Doc.1 e a sua entrada no grupo desde o início?

Inf. não ... não... eu entrei há dezoito anos atrás no trabalho da Rua da Amargura... até foi uma entrada assim um pouco... uma estória meio trágica porque eu entrei porque o... a atriz... a Vanda que tava desde do começo... ela sofreu um acidente de carro e ela morreu então fica... ficou.. né? era esposa do Eduardo

Doc.1 ah!

Inf. que é o fundador do grupo e tudo e ela morreu nesse acidente e quem tava dirigindo o grupo nessa época era o Gabriel Vilela tava montando na Rua da Amargura

[

Doc.1 hum...hum

Inf. eh:: isso foi em noventa e quatro ela morreu eh;;vinte e um de abril.. acidente eh:: feriado vinte um de abril... quando foi em junho o Gabriel já::a assim num momento... num movimento de dá uma ventilada no grupo da uma renovada e tudo o Eduardo ficou muito abatido... com um filhinho de dois anos... a Vanda deixa um filhinho de dois anos e foi aquela tragédia né... foi uma tragédia... e quem tava dirigindo o carro do acidente era meu marido... foi meu marido... que estava também no grupo... então foi aquela coisa... então o Gabriel fez o movimento de chamar as esposas me chamou... chamou a Fernanda esposa do Rodolfo... chamou a Lídia esposa do Chico.. então virô uhh...uma.. uhm... meio uma família mesmo.. então eu entrei pra... pra fazer Nossa Senhora...e entrei e engravidei e

[

Doc1. Oh:::

Inf. ficou aquela Nossa Senhora grávida ((risos)) e é uma coisa engraçada... um parêntese né?

[

Doc.1 ah::

[

Inf. meu filho... eu tava grávida então desde o começo eu tava montando a Rua da amargura até estreia grávida e tal ... fiquei até oitavo mês... duas semanas antes do... do Lorenço nascer meu filho eu é:: eu trabalhei até duas semanas antes de ter o Lorenço e ... e .. ai era muito engraçado aquele bebezinho todo dia novo da noite...((risos))nove horas da noite ele acordava aquele bebezinho ficava acordado era hora que ele escutava que eu...

[

Doc.2 que entrava em cena?

[

Inf. é em cena porque eu ainda batia um bumbo né?

[

Doc.1 ahn:::

[

Inf. Devia bater o bumbo na cabeça dele.... na orelhinha dele ((risos))

Doc.2 tava sentindo falta do bumbo né verdade? ((risos))

[

Inf. do bumbo éh::

Doc.1 E como foi depois que ele nasceu?

Inf. aí foi aquela pejeja ... aquela pejeja porque:: eu não tinha uma babá

[

Doc.2 uma estrutura

Inf. uma estrutura né? E a gente assim foi com tempo que a gente passou ter uma estrutura... financeira .. do grupo

Doc.1 Sim

Inf.1: a gente tem o patrocínio da Petrobras... há::: dez ano... esse ano ta fazendo dez anos, então tem... mas tem ele...

[

Doc.1 tem os vinte anos antes...

[

Inf.1: éh... eh:: era uma dificuldade... era aquela dificuldade...você levava o menino ..aí botava o menino dormindo no camarim... fazia o menino dormir antes... deixa lá.. e ia pra cena e deixava e já aconteceu assim em Santos mesmo ele caiu do...do.. da caminha e eu fiquei lá na cena escutando ele chorando lá no camarim

[

Doc.2 Me-TI:::ra

Inf. trancadinho no camarim ((risos)) é uma pejeja

Doc.2 Parabéns viu... parabéns

No início da entrevista – temos que considerar que nesse modelo cristalizado de contato interacional o ato de fala dá-se pelo padrão perguntas e respostas – o Doc. 1 faz uma pergunta para iniciar o ato interacional “Como começou o trabalho do Grupo Galpão?”. Trata-se de uma pergunta direta, o que requer da informante uma resposta direta, no entanto, observamos que, antes de responder diretamente a pergunta, a informante, possivelmente para manter sua face preservada – por ser seu primeiro contato interacional como os documentadores, a situação ser formal e as relações entre os participantes também –, faz uso de uma pré-sequência longa e de pausas na tentativa de organizar o tópico discursivo a fim de responder a pergunta do documentador. Essas questões foram observadas no segmento:

Doc.1.Como começou o trabalho do Grupo Galpão?

Inf. o primeiro trabalho ele começou de um:::a ideia de ser um:: um grupo galpão.. de um local onde teria muitas artes a::: aglutinadas... e artes plásticas.. dança e::: o teatro e ai as outras pessoas de outras áreas que

iam defender essa ideia... o lado cultura deles... eles foram abandonando e foi ficando o grupo galpão... que começou numa oficina de teatro ... uma oficina::na em Diamantina de dois alemães que foram... que vieram dar a oficina e eles e:: juntaram algumas pessoas que fizeram a oficina... os ofici... e:: a:: a oficina foi superintensa

A informante acaba respondendo o que lhe foi indagado após a pré-sequência, observada no trecho acima. O que a princípio sugere um desvio tópico, na verdade figura como uma tentativa de organizar o que será dito. Seguindo em sua resposta, a informante vai contando como o grupo começou e, em sua sequência narrativa, observamos o uso de alguns recursos para planejar e replanejar os turnos discursivos.

A resposta a pergunta aparece “começou numa oficina de teatro ... uma oficina::na em Diamantina de dois alemães” e, em seguida, para continuar contando sobre o início do grupo, a informante faz uma digressão tópica passando a falar sobre as oficinas que deram início ao grupo:

Inf. o primeiro trabalho ele começou de um::a ideia de ser um:: um grupo galpão.. de um local onde teria muitas artes a:: aglutinadas... e artes plásticas.. dança e:: o teatro e aí as outras pessoas de outras áreas que iam defender essa ideia... o lado cultura deles... eles foram abandonando e foi ficando o grupo galpão... que começou numa oficina de teatro ... uma oficina::na em Diamantina de dois alemães que foram... que vieram dar a oficina e eles e:: juntaram algumas pessoas que fizeram a oficina... os ofici... e:: a:: **a oficina foi superintensa**

[

Doc.1. hum... hum

[

Inf.1 **perna de pau eh:: muito trabalho circense** e depois esses alemães ... acabou as oficinas cada um foi pro lado e o Eduardo ficou muito:: solitário e com desejo de fazer um grupo... de montar um grupo de fazer um trabalho né e ele tinha na casa dele uma malinha com umas:: roupas... um vestido de noiva... um casaco... uma cartola... umas coisas... foi pra casa da Telda que tinha feito oficina com ele também... vamos fazer vamos montar um trabalho

Após a breve digressão, ela volta ao curso da informação e segue mostrando como o grupo foi se formando. Gostaríamos de pontuar que a digressão, recurso que – a muitos – sugere um prejuízo ao desenvolvimento do turno ou a coerência do mesmo, é “um fenômeno bastante comum na conversação. De modo geral, elas não só não prejudicam a coerência, mas, pelo contrário, muitas vezes ajudam a construí-la.” Koch (2008)

Retomando o tópico sobre o início do grupo, a informante segue planejando e replanejando seus turnos à medida que necessita acrescentar novos detalhes a sua elocução. No trecho abaixo, verificamos o uso de reformulação e pausas para organizar o turno:

Inf.1 perna de pau eh:: muito trabalho circense e depois esses alemães ... acabou as oficinas cada um foi pro lado e o Eduardo ficou muito::: solitário e com desejo de fazer um grupo... de montar um grupo de fazer um trabalho né e ele tinha na casa dele uma malinha com umas::: roupas... um vestido de noiva... um casaco... uma cartola... umas coisas... foi pra casa da Telda que tinha feito oficina com ele também... vamos fazer vamos montar um trabalho

Doc.1. Sim

Inf. ai a Telda... falou...não... você faz a noiva... eu faço eh::: sei lá... o pai da noiva e a gente monta e tudo eh... só que o vestido de noiva não coube na Telda ((risos)) e ai ah:: tem a Vanda... ah:: vou chamar a Vanda é e::: se adaptar a atriz

[

Doc. 2: o figurino teve que se adaptar

Ao contar mais detalhes sobre a formação do grupo, a informante segue planejando sua fala e, para tanto, faz algumas pausas indicativas de planejamento “e o Eduardo ficou muito::: solitário e com desejo de fazer um grupo... de”, “roupas... um vestido de noiva...”, além dessas pausas, a informante emprega o recursos em outros momentos de sua fala buscando no recurso uma forma de planejar o que quer dizer.

Já assinalamos, neste trabalho, que Galembeck (2010) assevera que o texto falado apresenta “pausas indicativas de planejamento, as quais funcionam como ‘brechas’ para que o ouvinte possa tomar a palavra.” No trecho acima há uma ocorrência de pausa da informante que propicia a documentadora, Doc. 2, assaltar o turnos, a informante utiliza a contribuição da Doc.2, ainda reformula a fala e retoma o turno. A tentativa de assalto do turno figura na verdade como uma sobreposição:

se adaptar a atriz

[

Doc. 2: o figurino teve que se adaptar

Para planejar o turno, a informante utiliza a reformulação em certos momentos, como no trecho “o Eduardo ficou muito::: solitário e com desejo de fazer um grupo... de montar um grupo de fazer um trabalho né”. Em outros momentos da entrevista, podemos observar mais usos da

reformulação “já::a assim num momento... **num movimento** de dá uma ventilada no grupo da uma renovada e tudo o Eduardo ficou muito abatido... com um filhinho de dois anos”, “até foi uma entrada assim um pouco... **uma estória** meio trágica porque eu entrei porque o... **a atriz... a Vanda**”. Há na entrevista outras reformulações além destas mencionadas.

Outro recurso, que observamos no *corpus*, é a repetição, que é utilizada com recorrência pela falante. Destacamos os trechos seguintes:

Inf. Do que **a ideia do texto vamos montar um texto vamos** fazer um diretor uma;;; **uma ideia a ideia foi** mais o figurino... **a mala**

[

Doc.1 **a mala**

[

Inf. **a mala** que qualquer outra coisa então o começo foi muito inusitado e quase éh::: contra mão de tudo porque hoje em dia quando você vai estrear uma peça o figurino **é a última ... uma das últimas** coisas que chegam ((risos))

Doc1: é

[

Doc.2 é:: ah

Como dissemos, a repetição aparece de forma recorrente na fala da informante. Koch (2008) informa que a repetição funciona como um processo de reconstrução e tem como função “sanar problemas detectados (pelo próprio locutor ou pelo parceiro) em seguimentos enunciados anteriormente: repete-se ou parafraseia-se o que foi dito, quando se percebe que o parceiro não compreendeu bem, para evitar mal-entendidos”. No trecho citado, verificamos a autorrepetição e além desta a repetição heterocondicionada, “isto é provocada pelo interlocutor” (KOCH, 2008).

Em vários momentos da entrevista, há o uso de marcadores conversacionais, quer pela informante para organizar o fluxo discursivo e estabelecer o planejamento dos seus turnos, quer pelos documentadores para sinalizar que estão atentos ao que está sendo dito e assim contribuírem para o planejamento dos tópicos a serem desenvolvidos. Observemos alguns desses marcadores e o que, possivelmente, apontam:

a. início e final de segmento tópico:

– início: “**aí** a Telda... falou..”, “**aí** foi aquela pejeja ... aquela pejeja porque:: eu não tinha uma babá”

– fim: “é em cena porque eu ainda batia um bumbo **né?**”

b. hesitação: “**eh**:: isso foi em noventa e quatro ela morreu **eh**:: vinte e um de abril.. acidente **eh**:: feriado vinte um de abril..

c. início de uma digressão: “ficou aquela Nossa Senhora grávida ((risos)) e é uma coisa engraçada... **um parêntese né?**”

5. *Considerações finais*

Já informamos neste trabalho que, durante um ato conversacional, os participantes se envolvem de acordo com os interesses, os contextos e os objetivos da interação e, seguindo esses requisitos, planejam e replanejam seus turnos. Assim sendo, a elaboração dos turnos na conversação segue normas e o processo é “em si fazendo” (KOCH, 2008), os participantes compõem conjuntamente os tópicos discursivos, mesmo quando um dos deles silencia.

O fato dos participantes do ato conversacional alternarem-se nos papéis de falante e ouvinte é uma das máximas mais características da conversação. E alternando-se durante a interação, os interlocutores tornam-se coparticipantes na produção e no planejamento dos turnos. Verificar como os turnos conversacionais são planejados e replanejados foi o que buscamos neste estudo.

Desta forma, observamos que, como já foi pontuado amplamente pelos pesquisadores da conversação, o planejamento ocorre sempre, mesmo que a conversação se realize de forma inesperada e sem prévia ciência do que será tratado na interação.

Os participantes conseguem, no ato da conversação, planejar o que irão dizer, ou ainda, durante o que se estar dizendo conseguem fazer retomadas, pausas, digressões tópicas e usar de outros recursos linguísticos com o fito de planejar e replanejar o turno, para que o transcurso da conversa se realize de forma a cumprir o que se espera.

As análises mostraram que, como ato coparticipado, a construção dos turnos e seu planejamento e replanejamento se dá localmente – como já dissemos, corroborado por Koch (2008) –, e esse fato possibilita aos participantes da interação utilizar uma série de recursos linguísticos e

contextuais na tentativa de se fazer entender. Observamos o uso de alguns recursos linguísticos, na entrevista cedida pela atriz Simone Ordones. Recursos como digressão, pausa, marcadores conversacionais, repetições que foram utilizados pela atriz para planejar e replanejar seus turnos conversacionais.

Como os aportes teóricos utilizados neste estudo mostraram que o turno conversacional já foi amplamente investigado e compreendido, procuramos ampliar a questão não apontando caminhos novos para o entendimento do planejamento e do replanejamento dos turnos, mas apontando que é profícuo buscar analisar questões referentes aos turnos conversacionais em *corpora* distintos e ainda não contemplados pelas análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ORECCHIONI, Catherine Kerbrat. *Análise da conversação: princípios e método*. São Paulo: Parábola, 2006.

PRETI, Dino. Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.

SILVA, Luiz Antônio da (Org.). *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.